

“Prioridade devia ser reduzir vulnerabilidade”

Conhecido por seu estilo crítico mas sempre muito bem baseado em sólidos fundamentos, o economista Luís Paulo Rosenberg adverte para três ameaças que rondam a economia brasileira: uma crise por causa da vulnerabilidade externa; pressões políticas; e ainda o risco de desaquecimento internacional com o ajuste da economia americana, com forte impacto não só para as commodities (que representam cerca de dois terços da nossa pauta de exportações), mas para a competitividade brasileira.

– Temos uma política fiscal conservadora, uma política cambial bastante flutuante, livre, e uma política monetária que prefere pecar por excesso de juros do que por leniência. A questão é se esta política é sustentável além de consistente. É preciso diferenciar entre consistência e sustentabilidade – diz o economista, que é sócio-diretor da Rosenberg & Associados, além de professor do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

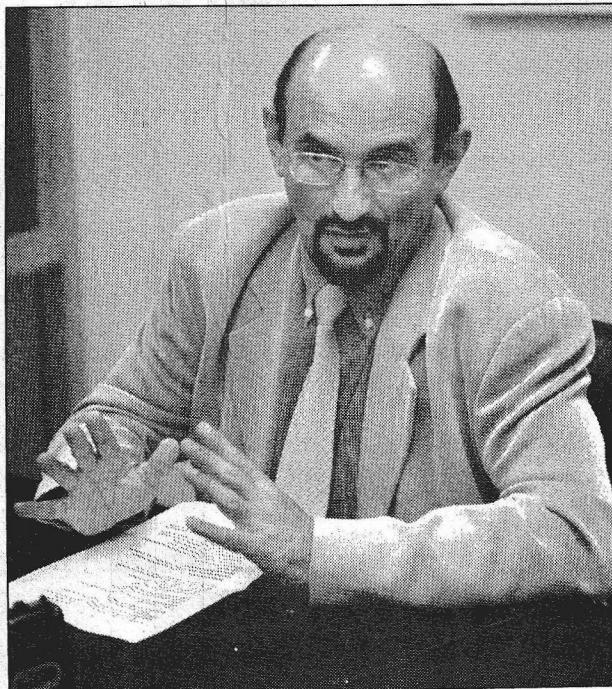
Rosenberg confessa ter dúvidas sobre essa sustentabilidade. Apesar de reconhecer os avanços via conta externa foram simplesmente notáveis nos últimos dois anos – sugerindo que devem ser preservados e sus-

tentados por pelo menos mais três anos –, o consultor alerta que o endividamento interno contamina a qualidade desses números, quando analisados pelo investidor estrangeiro.

– Não tenho a menor dúvida de que há riscos. O episódio de dois meses atrás, quando houve disparada do câmbio, do risco Brasil, mostrou isso. Continuamos na lista, se não negra, cinza da comunidade interna-

cional – acrescenta o economista, que também já lecionou na Universidade de Brasília.

Algumas características na política e na realidade nacionais são altamente preocupantes. São como “combustíveis” para problemas. O primeiro, cita o professor, é a carga tributária excessiva e muito concentrada. Outro é o aumento dos gastos públicos no governo Lula.



“Não tem nem discussão. Vamos cortar despesas em 5% ou 10%. Tem que ser radical, partir para a revolução.”

– Só estamos conseguindo manter superávits porque a arrecadação que passa no leque da Cofins está crescendo no mesmo ritmo dessa expansão de gastos.

No melhor estilo Rosenberg, o ex-superintendente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada sugere que é preciso fazer uma reforma fiscal que passe muito mais pelo lado do dispêndio. E alerta para a crise no segmento de infra-estrutura, que só será resolvida com as novas parcerias com o setor privado.

– Não tem nem discussão. Vamos cortar despesas em 5% ou 10%. Tem que ser radical, partir para a revolução. Temos que fazer uma privatização selvagem. Não estou falando em vender o Banco do Brasil ou a Petrobras. Este não é o problema. Mas devemos criar mecanismos de estímulo ao investimento privado no suprimento da carência de infra-estrutura de uma forma extremamente ousada – afirma.

E cita como exemplo de ousadia a questão da universidade pública:

– Não dá mais para bancar o sistema universitário federal sem anuidade. Ou será estadualizado ou vamos criar um mecanismo novo, que privilegie o pobre e não o filho do rico ou da classe média.